IGNACIO, Isabelle; CARVALHO, Tobias Augusto Jung de. Repressão, hierarquia e masculinidade em O Ateneu, de Raul Pompéia. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-204, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

REPRESSÃO, HIERARQUIA E MASCULINIDADE EM *O ATENEU*, DE RAUL POMPÉIA

REPRESSION, HIERARCHY AND MASCULINITY IN RAUL POMPÉIA'S O ATENEU

Isabelle Ignacio[1]
Tobias Augusto Jung de Carvalho[2]

RESUMO: Utilizando-se a análise da obra *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, na identificação de passagens que demonstram relações de poder que abrangem a gênero e sexualidade presentes na narrativa, tem-se como objetivo observar perpetuações de valores da sociedade da época e refletir, com aporte teórico da área da educação, sobre o papel da escola nessa dinâmica. Entendendo a escola como ambiente de controle social, podemos observar os laços de hierarquia presentes na sociedade brasileira por meio da obra, denunciando padrões que se mantêm até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: escola, relações de poder, sexualidade.

ABSTRACT. Through the analysis of the book *O Ateneu* (1888), by Raul Pompéia, and through the identification of narrative passages that demonstrate relations of power that cover topics as gender and sexuality, we aim to observe perpetuation of values in the society of the time, and utilizing theoretical contribution from the field of education to reflect on the role of school in this dynamic. Understanding school as an environment of social control, we can observe the hierarchical ties present in the Brazilian society through the book, denouncing patterns that remain similar until the present day.

KEYWORDS: school, relations of power, sexuality.

Introdução

A literatura, muitas vezes, serve como retrato do ideário social de determinada época. *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, serviu como denúncia não só dos abusos que aconteciam no ambiente escolar, mas também trouxe à tona hipocrisias da sociedade da época, cujos processos de iniciação e descobrimento eram opostos ao que era aceito fora do período escolar. A repercussão da obra, publicada já em 1888, transformou a vida de Raul Pompéia, que passou a ser rechaçado e a ter seu caráter questionado em razão das "imoralidades" apontadas no livro e individualizadas em direção ao autor, já que a obra foi interpretada como autobiográfica. Se já naquela época Raul Pompéia provocou uma

[1]Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ignacioisabelle1@gmail.com.
[2]Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). tobias.jung.carvalho@gmail.com.

discussão sobre gênero e sexualidade, entendemos que a questão segue pertinente, já que, mesmo com avanços nos debates sobre o assunto, ainda se percebe que até então não há um esclarecimento da sociedade acerca disso, e que muitas vezes a escola só confirma esse padrão. Pretendemos analisar, desse modo, através de *O Ateneu*, como a masculinidade interfere nos discursos e nas relações interpessoais das personagens, fortemente marcada por uma hierarquia que reproduz papéis de gênero tais como eles existiam na sociedade, o que só é reforçado, institucionalmente, pela escola.

Como referencial teórico, para ilustrarmos como funciona o microcosmos da escola e suas perpetuações de valores, teremos como fonte Pierre Bourdieu e Michel Foucault, que abordam os mecanismos de disciplinação utilizados pela escola. Em primeiro lugar buscaremos, com a ajuda de críticos literários e acadêmicos de outras áreas, discutir o subtexto da obra. Pesquisaremos por meio dos vieses da questão da disciplina e repressão nos ambientes escolares, da polarização da afirmação da masculinidade, e da homossexualidade. Depois, pretendemos analisar trechos da obra para verificar se os vínculos entre os personagens eram pautados por padrões de masculinidade que pudessem determinar relações de poder e legitimar discursos de dominação.

Os dispositivos de controle e a luta contra a imoralidade

Como aponta Bosi (1988) em seu ensaio *O Ateneu, opacidade e destruição*, a escola de *O Ateneu* faz parte de um esquema de educação que replica um esmagamento dos fracos e exaltação dos fortes, em um tipo de darwinismo social da sociedade brasileira. A socialização feita daquele microcosmos, que esconde as contradições da sociedade, já que dentro dos muros da escola acontecem atividades mal-vistas fora, já começa deturpada. É um sistema que, segundo Bourdieu (1996), só funciona perfeitamente recrutando educandos capazes de atender às exigências que se lhes impõem. Usando termos de Bourdieu, Santos e Marchi (2013) constroem a noção de que a passagem de Sérgio pelo colégio é cheia de ritos de passagem, fazendo com que o protagonista absorva os ideais do colégio, que inclusive lhe serão úteis na sua inserção na sociedade.

A pedagogia moralizadora e adestradora do Ateneu centraliza-se na figura do Dr. Aristarco. Descrito de acordo com o estereótipo patriarcal da época, não só fisicamente — grande estatura, cabelos brancos cacheados, semelhante à uma estátua, mas também nas suas atitudes e gestos, frequentemente comparados aos de um rei. "Acima de Aristarco — Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus — Aristarco." (POMPÉIA, 2007, p. 15). A divinização do diretor é decorrente do nível hierárquico a que ele pertence, performando também um papel de "Deus do Ateneu". Em um dos primeiros contatos com Sérgio, Aristarco fala do seu trabalho insano dentro da instituição — corrigir, prevenir a corrupção e a depravação, fiscalizando as amizades; porém, não deixa de exaltar o seu ofício. No decorrer da obra, é notável que o diretor investe em um processo de vigilância incisivo, a fim de evitar quaisquer comportamentos que destoassem do desejável.

Não há dúvidas de que o comportamento ideal para Aristarco é o que se assemelha ao seu: másculo, viril. Para isto, "Aristarco fazia aparições, de súbito, a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele. Levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos." (POMPÉIA, 1997, p. 49). Essas aparições podem ser pensadas como um dispositivo de repressão, em uma reprodução do modelo panóptico de Jeremy Bentham (1791), de forma a facilitar o controle dos alunos — ao saberem que o diretor poderia aparecer a qualquer momento, eles não desviariam da conduta. Além disso, nos primeiros dias de Sérgio como interno do Ateneu, ele é recomendado a Rebelo, aluno exemplar — que não tem como função somente o auxílio nas matérias escolares, mas também de aconselhá-lo a como se portar dentro do colégio. "Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se. [...] Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores." (POMPÉIA, 1997). Dentro de uma instituição escolar, segundo Foucault (1995), alguns alunos acabam fazendo o papel pedagógico-fiscalizador, como uma reprodução dos papéis dos diretores e dos professores — que estão no topo da hierarquia das relações de poder. Os alunos passam a ser, neste momento, "os olhos dos professores" quando eles não se fazem presentes; e sem dúvidas, progridem de nível na hierarquia escolar.

> O desenvolvimento das escolas paroquiais, o aumento de seu número de alunos, a inexistência de métodos que permitissem regulamentar simultaneamente a atividade de toda uma turma, a desordem e a confusão que daí provinham tornavam necessária a organização dos controles. Para ajudar o mestre, Batencour escolhe entre os melhores alunos toda uma série de "oficiais", intendentes, observadores, monitores, repetidores, recitadores de orações, oficiais de escrita, recebedores de tinta, capelães e visitadores. (...) Um submestre ensina a segurar a pena, guia a mão, corrige os erros e ao mesmo tempo "marca as faltas quando se discute"; outro submestre tem as mesmas tarefas na classe de leitura; o intendente que controla os outro oficiais e zela pelo comportamento geral é também encarregado de "adequar os recém chegados aos exercícios da escola"; os decuriões fazem recitar as lições e "marcam" os que não as sabem (FOUCAULT, 1975, p. 173).

A presença dessa moral educadora se nota em vários momentos do livro, senão pelas palavras e ações do diretor, pela disseminação desses ideais. "Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!" diz o diretor, no primeiro encontro com Sérgio. Logo, o motivo de todos os mecanismos de excessiva e castradora vigilância de Aristarco — os discursos puritanos e, de certa forma, maniqueístas — era a tal imoralidade. No decorrer da obra, identificamos que a imoralidade consiste em um desvio de conduta específico: o desvio dos padrões de masculinidade. Confirmamos essa ideia quando Aristarco descobre uma carta amorosa endereçada a um dos alunos, escrita por Cândido mas identificado como Cândida: "Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! (...) Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim. Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores!" (POMPÉIA, 1997, pp. 137-138).

Foucault (1999) afirma que o controle da sexualidade é promovido desde cedo pela sociedade na escola. A ideia é que existe na pedagogia um mecanismo que desde sempre tenta ensinar às crianças o que é certo e o que é errado em relação ao sexo. E baseada na teoria foucaultiana, surge a *teoria queer*, apontando que a partir desse controle da sexualidade se constitui uma ordem heteronormativa, fundamentada em uma suposta ordem natural do sexo. De fato, no Ateneu essa ordem se mantém, como doutrina, mas diversas vezes não é seguida. "Observamos por meio de uma pesquisa que uniu uma releitura da obra com discursos e práticas sociais vigentes que o que estava latente no enredo era um protagonismo médico higienista constituindo novas formas de regulação da sociedade via

sexualidade", argumenta Balieiro (2009) em sua dissertação. A noção europeia de "homossexualismo" já havia chegado à medicina brasileira como patologia no *fin-de-siècle*. A violência e o medo foram as ferramentas usadas para direcionar quaisquer desviantes ao caminho da virilização.

Hierarquias, sexualidade e masculinidade

Segundo Valentin (2013), é importante destacar que o foco narrativo em *O Ateneu*, obra com um narrador-personagem com suas próprias interpretações e ficcionalizações, ajuda a modular a representação da masculinidade e da homossexualidade. Desde o começo da obra, quando o ainda jovem personagem de Sérgio assiste a uma apresentação de exercícios de ginástica dos alunos do Ateneu, há trechos que dão o tom do resto do livro quanto à visão do narrador. O autor descreve a chegada da marcha, e não parece querer esconder um tipo de mística sexual presa na cena. Senão vejamos:

> Eram os rapazes. 'Aí vêm! disse-me meu pai' (...) Momentos depois adiantavam-se por mim os alunos do *Ateneu*. Cerca de trezentos, produziam-me a impressão do inumerável. (...) Passaram a toque de clarim, sopesando os trechos dos exercícios. Primeira turma, os *halteres*; segunda, as *massas*; terceira, as *barras*. (...) A admiração hesitava a decidir-se pela formosura masculina e rija da plástica de músculos a estalar o brim do uniforme…(...) Acabadas as evoluções, apresentaram-se os exercícios. Músculos do braço, músculos do tronco, tendões dos jarretes, a teoria toda do *corpore sano* foi praticada valentemente ali, precisamente, com a simultaneidade exata das extensas máquinas (...) Não posso dar ideia do deslumbramento que me ficou desta parte (...) O coração pulava-me no peito com um alvoroço novo, que me arrastava para o meio dos alunos, numa leva ardente de fraternidade. Eu batia palmas; gritos escapavam-me, de que me arrependia quando alguém me olhava (POMPÉIA, 1997, pp. 16-17).

Interessante notar que, à "sedução do espetáculo", nas palavras do próprio autor, na página 19, a reação do protagonista, à época ainda com onze anos, não foi apenas a de qualquer jovem que fosse assistir ao desfile. Como fica claro no trecho, o encantamento de Sérgio não é igual ao dos outros alunos. Não só os gritos lhe escapavam: a narrativa segue a mostrar que pessoas em volta olhavam para o protagonista de maneira a desaprová-lo, e isso o fazia arrepender-se, provavelmente com vergonha de sua própria

afetação.

Quando, no segundo capítulo, o personagem de Rabelo descreve as relações dentro da escola, parece evidente que há uma associação da feminilidade à passividade, não incomum para os padrões da época: "Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo" (POMPÉIA, 1997, p. 28). Mesmo que os trechos do livro que abordem a efeminação não se refiram necessariamente a uma homossexualidade, existe analogamente uma deturpação de gênero, como se os meninos se tornassem as meninas de outros (VALENTIN, 2013).

Inclusive, segundo David Halperin (2000), os efeminados diferem dos homossexuais justamente por não necessariamente manter relações sexuais com outros homens. Os efeminados são aqueles que rompem com o sistema hierárquico marcado por atribuições de gênero, recusando a homossociabilidade. É, nas palavras do autor, "aquele homem que recusa progredir na competição, que abandona a sociedade competitiva dos homens para a sociedade amorosa das mulheres, que persegue uma vida prazer, aquele faz amor ao invés da guerra — é a encarnação clássica do estereótipo do efeminado" (HALPERIN, 2000, p. 93)

Halperin também analisa outras duas categorias de homossexuais: a "sodomia ativa", que corresponde ao homem másculo, insertivo na penetração; e a "sodomia passiva", o homem penetrado, que demonstra uma "indiscriminável rendição da masculinidade em favor da feminilidade, uma condição transgênero expressa em tudo: de comportamentos pessoais, estilos a aparência física, maneiras de sentir". Esse antagonismo fortalece a hierarquização dos relacionamentos homossexuais: não somente entre quem penetra vs. quem é penetrado, mas também superioridade vs. inferioridade, masculino vs. feminino. Há uma aproximação entre os efeminados e os passivos e entre esses dois os grupos e a feminilidade.

Quando descrevendo sua amizade com Bento Alves, Sérgio diz:

> A amizade do Bento Alves por mim (...) me faz pensar que (...) certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo. (...) A primeira vez que me deu um presente,

> gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge. (...) Sabia ser de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante (POMPÉIA, 1997, pp. 74-75*).*

Interessante observar que usa-se o termo "constituição moral" em relação à efeminação, como se o microcosmos do Ateneu não pudesse existir senão repetindo um padrão homem-mulher. Em todas as relações de Sérgio com outros meninos, esse padrão se confirma: seja com Sanches, que vira protetor do protagonista e posteriormente se insinua para ele; com Bento Alves, cuja relação com Sérgio é tão próxima que gera comentários no Ateneu; ou com Egbert, mesmo que com traços mais atenuados. Chama-se a atenção para o fato de que a sociedade da época não via o homossexual como um ser necessariamente "sexual" (SILVA, 2006). Sua concepção no imaginário popular era muito mais ligada à ideia da inversão de gêneros, o que se estabelece com a ideia de um menino forte e dominador, Bento Alves, e de um menino passível de dominação, Sérgio. O narrador não denomina os relacionamentos como homossexuais ou namoros. Na verdade, demonstra asco pela efeminação. Mesmo assim, se vê preso a situações em que ele representa essa figura feminina (VALENTIN, 2013). Não é à toa que Bento agride Sérgio quando os dois param de se relacionar: o autor aqui também emula as relações matrimoniais, como não era raro acontecer.

Há ainda, segundo Halperin, mais uma categoria de relações entre homens: a da amizade apaixonada. Diferenciando-se da relação ativo-passivo, em que há uma marcação forte da diferença de *status*, essa relação se dá entre homens de mesmo nível social e de mesmo nível de masculinidade. Podemos relacionar essa categoria à relação de Sérgio e Egbert — a narrativa demonstra uma visão romantizada do personagem na parte do livro em que o narrador-personagem está mais "maduro" e, portanto, menos efeminado e propenso a uma dominação:

> Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. (...) Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. (...) *Amor unus erat*[3]. (...) Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele aos meus (POMPÉIA, 1997, pp.

[3] Expressão latina para "um único amor".

114-115*).*

Ali, vê-se atenuar o teor de tensão sexual presente entre Sérgio e seu afeto. O amor que aparece no fragmento é muito mais próximo de um amor fraternal do que qualquer outra coisa. A relação de dominação masculina, que até então vinha sendo representada mas tratada como um reflexo do sistema educacional, ali parece se resolver.

Quando descobre-se, como já mencionamos, a carta de Cândido, Aristarco não economiza ao demonizar o ato, tratando-o não só como algo existente e não discutido, mas como algo imoral e contra as leis da religião e da natureza. Nesse momento e na página 125, quando Sérgio vai a outro dormitório onde há meninos mais velhos, descritos como conscientes e mesmo orgulhosos de sua condição homossexual, a homossexualidade é representada da maneira mais aberta em toda a obra. É como se precisasse ser flagrado um caso de sexo entre os alunos para que a escola saísse de seu silêncio; ou que Sérgio estivesse já "amadurecido" e afastado da feminilidade para que esses traços pudessem ser descritos de maneira mais clara. Lúcia Miguel-Pereira (1973) chega a argumentar que a compreensão de si mesmo em Sérgio, bem como as insinuações de homossexualidade no colégio são os temas principais da obra, enquanto a denúncia do sistema educativo é secundária. De fato, *O Ateneu* pode ser lido como um romance de formação, na medida em que o personagem principal passa por várias fases ao longo do livro e termina sem a inocência do primeiro capítulo. Por mais que não chegue a compreender em si mesmo algo que explique o que sentia quando estava com Sanches, Bento Alves e Egbert, tornando discutível a afirmação de Miguel-Pereira em relação à homossexualidade de Sérgio, é inegável que a questão ronda toda a obra.

Considerações finais

Buscando referências teóricas na filosofia e nas ciências sociais para explicar as relações em *O Ateneu*, pudemos ter uma noção maior da dimensão da obra. Não só o livro é uma denúncia do falso moralismo social ao qual os jovens eram submetidos no internato, como também serve hoje como um panorama de como as questões de gênero e sexualidade

eram postas no fim do século XIX no Brasil. Como documento histórico, *O Ateneu* nos ajuda a compreender, assim como outras obras de sua época, que caminhos tomou a sociedade brasileira para chegar até os dias de hoje.

Pudemos perceber que o sistema educacional, como fica claro no livro, é um importante instrumento de controle social, na medida em que tolhe padrões que não interessam ao coletivo. É irônico, no entanto, que houvesse tanto espaço para a prática de ações totalmente proibidas senão dentro dos muros do internato. Ao mesmo tempo em que as relações homossexuais são completamente veladas, a relação de gênero entre homem e mulher são replicadas dentro do Ateneu em várias ocasiões. A força e a violência, não introduzidas para Sérgio no ambiente familiar, são ferramentas que, transpostas ao macrocosmos, revelam certo poder potencialmente negativo da escola na formação dos indivíduos.

Em diversos trechos selecionados, a análise é de que uma hierarquia se faz presente, e que esta não pode ser dissociada da sexualidade, da masculinidade e das questões de gênero. De tantos vieses pelos quais a obra pode ser analisada, entendemos que esse tipo de estudo é especialmente relevante em tempos em que há maior clareza científica sobre esses assuntos. Sob essa ótica, concluímos que uma maior compreensão dos fenômenos sociais retratados em *O Ateneu* e que refletem a realidade da época pode ser importante na construção de uma práxis social e de um modelo educacional mais consciente de suas responsabilidades.

Referências

BALIEIRO, Fernando De Figueiredo. *A pedagogia do sexo em O Ateneu: o dispositivo de sexualidade no internato da "fina flor da mocidade brasileira"*. São Carlos: UFSCar, 2009.

BENELLI, Sílvio José. *O internato escolar O Ateneu*: produção de subjetividade na instituição total. Psicologia USP, São Paulo, n.14 (3), p.133-70, 2003.

BENTHAM, Jeremy. *Panopticon; or, the Inspection-House*. T. Payne, London, 1791.

BOSI, Alfredo. O Ateneu: opacidade e destruição. *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988,

p.33-57.

BOURDIEU, Pierre. "L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et la culture", publicado originalmente em *Revue française de sociologie*. Paris, 7(3), 1996, p. 325-347.

CORINGA, Sumara Marta Gualerto; MOREIRA, Sullyan Aparecida Da Silva; GOMES, Elisete Aparecida Ferreira. *O Ateneu*: um território marcado pelo bullying. Quipus, Mossoró, ano 2, n.1, p.47- 53, dez. 2012-maio 2013.

CRUZ, Ana Carolina De Picoli De Souza. *O Ateneu de Raul Pompéia*: uma claustrotopia – espaço de discursos modeladores. Araraquara: Unesp – FCL, 2010.

FAVERO, Maria Helena; MARACCI, Inara Linn. A Interlocução de Narrativas: Um Estudo sobre Papéis de Gênero. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília , v. 32, n. 2, e322220, 2016.

FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GEBRA, Fernando et al. Homoafetividade e Homossexualidade em *O Ateneu*, de Raul Pompeia. Revista Decifrar, Manaus, vol. 2, no. 1, Jul/Dez 2013.

HALPERIN, David. How to do the history of homosexuality. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*. Duke University Press, 2000, p. 87-124.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*: 1870 a 1920. 3a. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando De Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.26, n.75, p.73-88, 2011.

POESCHL, Gabrielle; SILVA, Aurora; CLEMENCE, Alain. Representações da masculinidade e da feminilidade e retratos de homens e de mulheres na literatura portuguesa. *Psicologia*, Lisboa, v. 18, n. 1, p. 31-46, jan. 2004.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Klick: São Paulo, 1997. 174 pp.

SANDANELLO, Franco Baptista. *Em nome do Pai*: autoritarismo e discurso patriarcal n'O Ateneu, de Raul Pompéia. Rua, Campinas, vol. 22, n. 1, 2016.

SANTOS, Tiago Ribeiro; MARCHI, Rita De Cássia. O disciplinamento do espírito: uma análise dos ritos de passagem no romance O Ateneu. *Educação*, Porto Alegre, v.36, n. 1,

p.96-106, jan.-abr. 2013a.

_____. O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia. *Educ. Real.*, Porto Alegre , v. 38, n. 1, p. 339-360, Mar. 2013b.

SILVA, Sergio Gomes Da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006.

SILVA, Vilma Marques Da. *Exercício do poder*: conflitos, discursos e representações culturais em O Ateneu. Londrina: UEL, 2007.

VALENTIN, Luiz Henrique Aparecido. Representações da homossexualidade nos romances O Ateneu, de Raul Pompéia, e O cortiço, de Aluísio Azevedo. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim v.4, n.8, p. 179-200, jul./dez. 2013.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

Recebido em junho de 2018

Aceito em agosto de 2018